

DAVID MITCHELL

# Os mil outonos de Jacob de Zoet

*Tradução*  
Daniel Galera



Copyright © 2010 by David Mitchell  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Thousand Autumns of Jacob de Zoet

*Capa*  
Joe Wilson

*Preparação*  
Lígia Azevedo

*Revisão*  
Carmen T. S. Costa  
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mitchell, David  
Os mil outonos de Jacob de Zoet / David Mitchell ; tradução Daniel Galera. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Thousand Autumns of Jacob de Zoet.  
ISBN 978-85-359-2538-8

1. Ficção inglesa I. Título.

---

14-13286

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

I. A NOIVA PARA QUEM DANÇAMOS  
*Décimo primeiro ano da era Kansei*

1799

# I. Casa de Kawasemi, a concubina, no alto de Nagasaki *Nona noite do quinto mês*

“Srta. Kawasemi?” Orito se ajoelha em cima de um futon grudento e malcheiroso. “Consegue me ouvir?”

Uma cacofonia de rãs irrompe no arrozal que fica do outro lado do jardim.

Orito passa um pano úmido no rosto suado da concubina.

“Faz horas e horas” — a empregada segura a lamparina — “que ela mal consegue falar...”

“Srta. Kawasemi, meu nome é Aibagawa. Sou parteira. Quero ajudar.”

Os olhos de Kawasemi tremulam e abrem. Ela consegue dar um suspiro fraco. Os olhos fecham.

*Está exausta*, Orito pensa, *até mesmo para ter medo de morrer esta noite*.

Dr. Maeno sussurra de trás das cortinas de musselina. “Queria ter examinado pessoalmente a posição do bebê, mas...” O velho acadêmico escolhe as palavras com cuidado. “Mas parece que é proibido.”

“Minhas ordens são claras”, diz o camareiro. “Nenhum homem pode tocar nela.”

Orito levanta o lençol ensanguentado evê, como já tinham lhe preventido, o braço frouxo do feto projetado até o ombro para fora da vagina de Kawasemi.

“Você já tinha visto essa apresentação?”, dr. Maeno pergunta.

“Sim, numa gravura do texto holandês que meu pai estava traduzindo.”

“É o que eu estava rezando para ouvir! As *Observações* de William Smellie?”

“Sim. Dr. Smellie chama de” — Orito usa o holandês — “‘prolapso do braço’.”

Orito segura o pulso coberto de muco do feto para conferir se há batimento.

Maeno pergunta em holandês: “Qual é sua opinião?”.

Não há batimento. “O bebê está morto”, Orito responde no mesmo idioma, “e a mãe morrerá em breve se não for retirado.” Ela põe os dedos na barriga distendida de Kawasemi e apalpa a protuberância em torno do umbigo invertido. “Era um menino.” Ajoelha entre as pernas afastadas de Kawasemi, reparando na pelve estreita, e cheira os lábios dilatados: identifica a mistura maltosa de sangue coagulado e excremento, mas não o fedor de um feto apodrecido. “Ele morreu uma ou duas horas atrás.” Para a empregada, Orito pergunta: “Quando a bolsa estourou?”.

A mulher continua muda com o espanto provocado pela língua estrangeira.

“Ontem de manhã, durante a Hora do Dragão”, diz a voz pétreia da governanta. “Nossa dama entrou em trabalho de parto logo em seguida.”

“E quando foi a última vez que o bebê chutou?”

“O último chute deve ter acontecido por volta do meio-dia de hoje.”

“Dr. Maeno, você concorda que a criança deve estar” — ela usa o termo em holandês — “na posição transversal sentada?”

“Talvez” — o médico também recorre ao idioma-código — “mas sem um exame...”

“O bebê está pelo menos vinte dias atrasado. Devia ter sido virado.”

“O bebê está descansando”, a empregada assegura à patroa. “Não é mesmo, dr. Maeno?”

“O que você está dizendo...”, o médico, sincero, hesita, “... pode muito bem ser verdade.”

“Meu pai me contou”, diz Orito, “que dr. Uragami estava supervisionando o parto.”

“Sim, estava”, resmunga Maeno, “do conforto de seu consultório. Desde

que o bebê parou de chutar, Uragami determinou que, por razões geomânticas evidentes aos homens do seu gênio, o espírito da criança reluta em nascer. Daí em diante, o nascimento depende da força de vontade da mãe.” *Aquele patife*, Maeno nem precisa acrescentar, *não ousa macular sua reputação presidindo o parto do filho natimorto de um homem tão respeitado*. “Com isso, o camareiro Tomine persuadiu o magistrado a me chamar. Ao ver o braço, lembrei-me do seu médico da Escócia e solicitei sua ajuda.”

“Meu pai e eu nos sentimos profundamente honrados pela sua confiança”, diz Orito...

... e maldito seja Uragami, ela pensa, *por sua relutância letal em pôr seu prestígio em risco*.

As rãs param de coaxar abruptamente e agora, como se tivesse caído uma cortina de ruído, é possível ouvir Nagasaki celebrando a chegada de mais um navio holandês em segurança.

“Se a criança está morta”, Maeno diz em holandês, “precisamos removê-la agora mesmo.”

“Concordo.” Orito pede água quente e panos limpos à governanta e des Tampa uma garrafa de sais de Leiden embaixo do nariz da concubina para lhe extrair alguns instantes de lucidez. “Srta. Kawasemi, vamos dar à luz seu bebê nos próximos minutos. Antes disso, permite que eu a apalpe por dentro?”

A concubina sofre outra contração e perde a capacidade de responder.

A água quente é trazida em dois tachos de cobre enquanto as dores vão se acalmando. “Devemos confessar”, dr. Maeno propõe a Orito em holandês, “que o bebê está morto. Depois amputar o braço para extrair o corpo.”

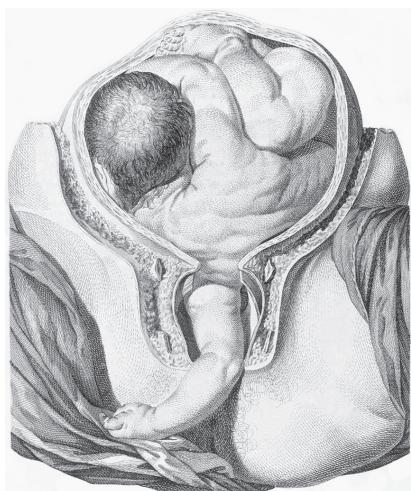
“Primeiro, quero inserir a mão para saber se o corpo está deitado em posição convexa ou côncava.”

“Se consegue descobrir isso sem cortar o braço” — Maeno quer dizer “amputar” — “então vá em frente.”

Orito lubrifica a mão direita com óleo de canola e diz à empregada: “Enrole um pedaço de pano numa faixa grossa... isso, assim. Fique pronta para enfiá-la entre os dentes da sua patroa, senão ela poderá arrancar a própria língua com eles. Deixe espaço nos lados para que ela possa respirar. Dr. Maeno, meu exame vai começar”.

“Você é meus olhos e ouvidos, srtá. Aibagawa”, diz o médico.

Orito abre caminho com os dedos entre o bíceps do feto e os lábios vaginais dilacerados da mãe até estar com o pulso dentro da vagina dela. A concubina gême e estremece. “Desculpe”, diz Orito, “desculpe...” Enquanto seus dedos escorregam entre membranas quentes e pele e músculos ainda encharcados de fluido amniótico, a parteira visualiza uma gravura daquele reino iluminado e bárbaro, a Europa...



Se a apresentação transversa for convexa, Orito recorda, com a coluna vertebral do feto tão severamente dobrada para trás que sua cabeça aparece entre as canelas, como a de um acrobata chinês, preciso amputar o braço do feto, desmembrar seu corpo com um fórceps serrilhado e extrair os tenebrosos pedaços, um a um. Dr. Smellie alerta que qualquer resquício deixado no útero pode apodrecer e matar a mãe. Porém, se a apresentação transversa for côncava, Orito leu, com os joelhos do feto apertados contra o peito, posso serrar o braço, girar o feto, prender ganchos em suas órbitas e extrair o corpo inteiro com a cabeça para baixo. O dedo indicador da parteira localiza a coluna vertebral nodosa do bebê, tateia o diafragma entre a costela inferior e a bacia e encontra uma orelha diminuta; uma narina; uma boca; o cordão umbilical; e um pênis do tamanho de um pequeno camarão. “A posição é côncava”, Orito informa ao dr. Maeno, “mas o cordão está enrolado no pescoço.”

“Acha que o cordão pode ser desenrolado?” Maeno esquece de falar em holandês.

“Bem, preciso tentar. Enfie o pano”, Orito diz à empregada, “agora, por favor.”

Assim que a faixa de tecido é colocada entre os dentes de Kawasemi, Orito empurra a mão mais fundo, engancha o polegar no cordão umbilical, crava os quatro dedos embaixo da mandíbula do feto, empurra a cabeça para trás e faz o cordão deslizar por cima do rosto, da testa e do topo da cabeça. Kawasemi berra e urina quente escorre pelo antebraço de Orito, mas o procedimento funciona de primeira: o laço foi desfeito. Ela retira a mão e informa: “O cordão está solto. Doutor, você trouxe seu...” — não existe termo japonês — “... fórceps?”.

“Sim.” Maeno dá batidinhas na maleta médica. “Por precaução.”

“Podemos tentar retirar a criança” — ela troca pro holandês — “sem amputar o braço. Menos sangue é sempre melhor. Mas preciso da sua ajuda.”

Dr. Maeno se dirige ao camareiro: “Para ajudar a salvar a vida da srt. Kawasemi, *preciso* desconsiderar as ordens do magistrado e me juntar à parteira do outro lado da cortina”.

O camareiro Tomine sevê num dilema perigoso.

“Você pode me culpar”, sugere Maeno, “por desobedecer o magistrado.”

“A escolha é minha”, decide o camareiro. “Faça o que for necessário, doutor.”

O velhinho ágil passa por baixo da musselina com suas tenazes arqueadas.

A empregada grita de pavor ao ver o exótico instrumento.

“Fórceps”, diz o doutor, sem dar mais explicações.

A governanta ergue a musselina para espionar. “Não, a aparência *disso* não me agrada nem um pouco! Estrangeiros podem cortar e fatiar e chamar isso de ‘medicina’, mas é inconcebível que...”

“Por acaso *eu* fico dizendo à governanta”, Maeno rosna, “onde ela deve comprar peixe?”

“O fórceps”, Orito explica, “não corta — ele gira e puxa, como os dedos de uma parteira, mas com mais força...” Ela recorre de novo aos sais de Leiden. “Srt. Kawasemi, vou usar este instrumento”, diz, erguendo o fórceps, “para retirar seu bebê. Não tenha medo e não resista. Os europeus usam com

frequência — até mesmo nas princesas e rainhas. Puxaremos seu bebê para fora, com cuidado e firmeza.”

“Faça isso...” A voz de Kawasemi é um estertor asfixiado. “Faça isso...”

“Obrigado. E quando eu pedir à srta. Kawasemi para *empurrar...*”

“Empurrar...” Ela está exausta quase a ponto de não se importar com nada. “Empurrar...”

“Quantas vezes”, Tomine dá uma espiada, “você já usou esse instrumento?”

Orito repara pela primeira vez no nariz esmagado do camareiro; é uma desfiguração tão gritante quanto a dela própria. “Muitas vezes, e nenhum paciente jamais sofreu.” Somente Maeno e sua aluna sabem que esses “pacientes” eram melões cujos bebês não passavam de cabaças azeitadas. Pela última vez, se tudo der certo, ela examina dentro do útero de Kawasemi com a mão. Seus dedos encontram o pescoço do feto; giram a cabeça em direção ao colo do útero, escorregam, voltam a se ajustar ao cadáver difícil de manejar, dessa vez com mais firmeza, e o giram pela terceira vez. “Agora, doutor, por favor.”

Maeno introduz o fórceps até o fulcro em torno do braço exposto.

Os espectadores perdem o fôlego; Kawasemi solta um grito áspero.

Orito sente as lâminas curvas do fórceps na palma da mão: ela as ajeita ao redor do crânio macio do feto. “Feche.”

Com cuidado e firmeza, o médico aperta o fórceps até fechá-lo.

Orito segura os cabos do fórceps com a mão esquerda: a consistência é esponjosa porém firme, como gelatina de konyaku. A mão direita, ainda dentro do útero, se encaixa no crânio do feto.

Os dedos ossudos do dr. Maeno seguram o pulso de Orito.

“Mas o que você está esperando?”, pergunta a governanta.

“A próxima contração”, diz o doutor, “que deve acontecer a qualquer...”

A respiração de Kawasemi começa a inchar de dor.

“Um, dois”, Orito conta, “e — *empurre*, Kawasemi-san!”

“Força, patroa!”, encorajam a empregada e a governanta.

Dr. Maeno puxa o fórceps; com a mão direita, Orito empurra a cabeça do feto em direção ao canal do parto. Ela manda a empregada segurar o braço do feto e puxar. Orito sente a resistência aumentar quando a cabeça alcança o canal do parto. “Um, dois... agora!” A cabeça empapada do cadáver pequenino desponta, achatando as glândulas clitorianas.

“Ele está saindo!”, a empregada arfa em meio aos urros animalescos de Kawasemi.

Sai o couro cabeludo do bebê; o rosto marmorizado de muco...

... sai o restante de seu corpo escorregadio, viscoso e sem vida.

“Ah, mas — ah”, diz a empregada. “Ah. Ah. Ah...”

Os soluços agudos de Kawasemi vão se reduzindo a gemidos até esmorecer.

*Ela sabe.* Orito põe de lado o fórceps, ergue o bebê inerte pelos tornozelos e lhe dá palmadas. Não espera realizar um milagre: age por disciplina e treino. Depois de dez palmadas fortes, ela para. O bebê não tem pulso. Ela não sente no rosto nenhum ar saindo de seus lábios e narinas. Não há necessidade de anunciar o óbvio. Depois de atá-lo perto do umbigo, ela corta o cordão cartilaginoso com sua faca, banha o menino morto num tacho de cobre cheio d’água e o coloca no berço. *Um berço servindo de caixão*, ela pensa, e *um cueiro servindo de mortalha*.

O camareiro Tomine dá instruções a um servo lá fora. “Informe a Vossa Excelência que o filho é natimorto. Dr. Maeno e sua parteira fizeram todo o possível, mas não puderam alterar o que o Destino já havia decretado.”

O que preocupa Orito agora é a febre puerperal. É preciso remover a placenta; aplicar yakumusô no períneo; e estancar o sangue de uma fissura anal.

Dr. Maeno se retira da tenda armada com a cortina para dar espaço à parteira.

Uma mariposa do tamanho de um pássaro entra e voa no rosto de Orito.

Ao espantá-la, ela derruba o fórceps de cima de um dos tachos de cobre.

O instrumento bate na tampa de outro tacho; o ruído estridente assusta um pequeno animal que de alguma forma conseguiu entrar no quarto; ele gême e choraminga.

*Um cachorrinho?*, Orito se pergunta, espavorida. *Ou um gatinho?*

O animal misterioso chora de novo, e bem perto: embaixo do futon?

“Espanta esse bicho!”, a governanta ordena à empregada. “Espanta!”

O animal choraminga de novo; e Orito percebe que o som vem do berço.

*Não pode ser*, a parteira pensa, se recusando a nutrir esperanças. *Não pode ser...*

Ela puxa o lençol no instante em que a boca do bebê se abre.

Ele inspira uma; duas; três vezes; seu rosto enrugado se contrai...  
... e o déspota recém-nascido, trêmulo, rosado como algo fervido, berra  
para a Vida.